



**CÂMARA MUNICIPAL DE
FORTALEZA**

GABINETE DO VEREADOR DR. ERON MOREIRA
Partido Progressista – Ceará

REQUERIMENTO Nº

2017

1873/2017

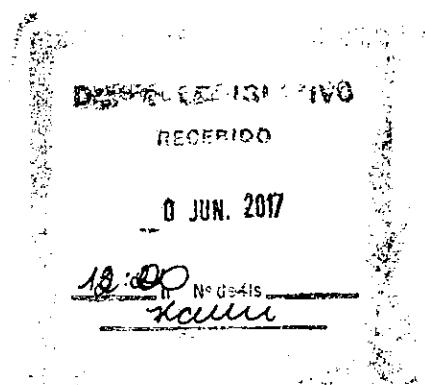
Requer o registro nos Anais desta Casa Legislativa matéria do jornal Diário Diário do Nordeste intitulada: "Transcender: a luta por uma identidade reconhecida. Alegrias, tristezas e desafios na jornada pelo reconhecimento."

EXMO SR. PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA:

O Vereador signatário, no uso de suas atribuições regimentais, vem à presença de V.Exa. requerer que seja registrada nos Anais desta Casa Legislativa matéria do Jornal Diário do Nordeste intitulada: "Transcender: a luta por uma identidade reconhecida. Alegrias, tristezas e desafios na jornada pelo reconhecimento."

DEPARTAMENTO LEGISLATIVO DA CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA, EM 06 DE junho DE 2017


DR. ERON MOREIRA
Vereador PP – Ceará



TRANSCENDER

Um livro para quem quer transcender a realidade reconhecida. Alegrias, tristeza e desafios na jornada pelo reconhecimento

Publicado em 05.06.2017

SIM**NÃO** ABERTO**FECHADO** QUENTE**FRIO** ROSA**AZUL** HOMEM**MULHER**

Ao longo da vida, aprendemos a classificar as coisas de forma binária, e quando se trata de gênero essa máxima é ainda mais verdadeira. "Rosa" ou "Azul". "Boneca" ou "Carro". "Não gosta de futebol" ou "Gosta de futebol". No entanto, a sociedade tem cada vez mais visto que as pessoas TRANScendem essas nomenclaturas e classificações.

No dicionário a palavra "trans" é um prefixo que significa "além de" e "gênero" é o que identifica e diferencia homens e mulheres. Logo, transgêneros são aqueles que vão além do conceito de masculino e feminino.

Os transgêneros, ou chamados transexuais, são aqueles que nasceram com um determinado sexo biológico, mas não se identificam com ele. Essas pessoas se reconhecem como sendo do sexo oposto ou como não sendo de nenhum dos dois sexos.

São indivíduos com trajetórias de luta, em busca de se conhecer e conseguir ter a própria identidade aceita. Conheça a história dessas pessoas e entenda mais sobre o assunto nesta edição do Diário Plus.

UMA ALMA FEMININA EM UM CORPO MASCULINO

Ir à escola, andar na rua, sair com os amigos. Essas são atividades rotineiras para muitas pessoas. No entanto, para Bárbara de Queiroz, de 41 anos, durante boa parte da vida não foi tão simples assim. Bárbara é uma mulher transgênero que por medo e preconceito, em alguns momentos da vida, se privou do convívio social. Aos 16 anos ela abandonou a escola por não aguentar a discriminação que sofria. “Eu tive que parar porque era muita pressão, a ponto de chegar quase à agressão. No colégio ficavam me chamando de viado; eu sofria muito”.

A história de Bárbara é igual à de muitos transexuais. A violência psicológica e física sofrida por eles os afasta do ambiente escolar. Além dessas agressões, discriminações cotidianas, como a negativa do uso do nome social (denominação pela qual preferem ser chamados) e a proibição de frequentar o banheiro reservado ao gênero de identificação são obstáculos adicionais.

Seja por desconhecimento ou por preconceito, a ausência de aceitação inicia, muitas vezes, ainda dentro da escola. Segundo a pesquisa “Juventudes na Escola, Sentidos e Buscas: Por que frequentam?”, da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO), 2,5% dos jovens entre 15 a 29 anos não querem ter uma

Um estudo realizado pela Secretaria de Educação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais (ABLGBl), divulgado em dezembro de 2016, mostra que 73% dos estudantes que não se declaram heterossexuais no Brasil já foram agredidos verbalmente na escola. Essa violência e o medo de que ocorra algo pior afastam muitos transexuais do ambiente educacional e distanciou Bárbara.



**“No meu ponto de vista
você nasce gente, você
não nasce nem homem
nem mulher. Você nasce
gente, careca, sem dente”**

Bárbara de Queiroz sobre acreditar que Identidade de
Gênero é uma imposição da sociedade

Diante da evasão escolar, as oportunidades para os transexuais são poucas e muitos outros percursos da vida vão se tornando mais complicados. “É difícil. Eu tenho que me descobrir em meio a uma avalanche de preconceito. Imagina como fica a cabeça de uma pessoa assim. Você tem que se descobrir sexualmente, tem que saber como dizer para a família, sofre agressões e em meio a todo esse burburinho você tem que conseguir ainda se descobrir profissionalmente. É muito complicado”, diz Bárbara. Ela carrega a frustração de ter parado a escola e, por isso, não ter tido a oportunidade de fazer uma faculdade como sempre sonhou.

Conheça a história de Bárbara: uma alma feminina em um corpo masc..

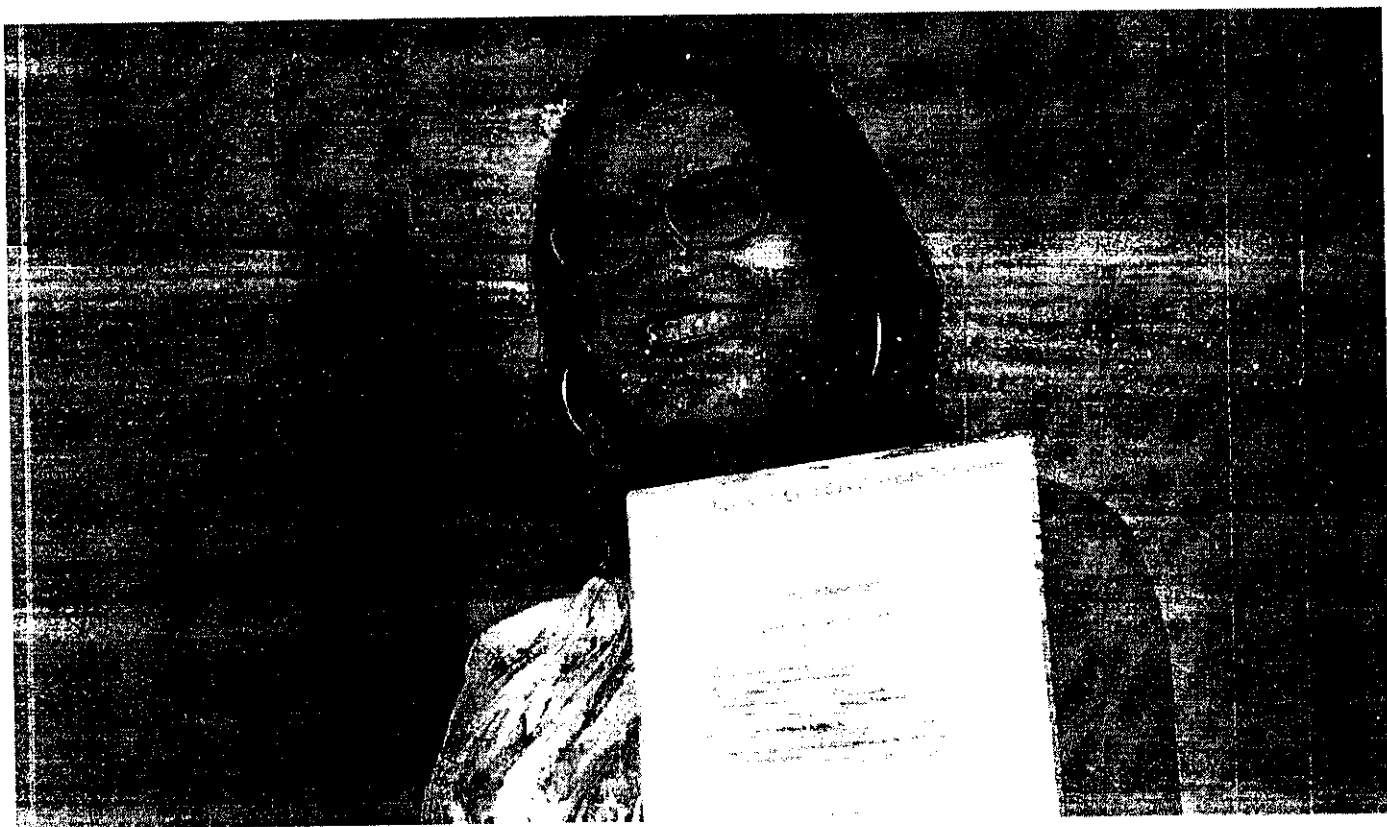


“No meu ponto de vista você nasce gente, você não nasce nem homem nem mulher. Você nasce gente, careca, sem dente”, conta a mulher sempre sorridente, que transmite garra no olhar. Aos cinco anos de idade, Bárbara percebeu que não a agradava a figura masculina que via no espelho. Em um determinado momento, ainda na adolescência, passaram a chamá-la de Marina, como forma de irritá-la. “Me batizaram por um apelido. Me chamavam de Marina, mas eu não conseguia me ofender”. Ser chamada de Marina, para ela, era um alívio e não uma forma de preconceito, pois era como uma mulher que ela se via. O que a magoava era outras formas de preconceito que sofria, como a de ouvir xingamentos pejorativos e

ser excluída pelas demais pessoas, mesmo quando ainda nem entendia o que se passava com ela.

“Eu não conseguia me sentir bem vendo aquela imagem masculina no espelho, eu não conseguia associar aquela imagem, ao que tinha dentro de mim”

A pergunta simples e banal para todos de “Qual é o seu nome?”, para Bárbara, sempre teve um peso maior. Ela passou 40 anos sendo registrada com o nome de batismo, o de homem, o que não correspondia à sua figura feminina e causava transtornos.



Finalmente, no papel, o que Bárbara sempre sentiu: ela é uma mulher Foto: Pedro Campos

Bárbara foi a primeira transexual a conseguir, no Ceará, mudar o sexo no registro de nascimento; as decisões anteriores mudavam apenas o nome. Em seus documentos, constam que ela é do sexo feminino. “Eu trazia comigo muita culpa porque não me encaixo no padrão. Quando eu recebi o parecer da juíza joguei fora essa culpa.

É como se ela dissesse pra mim 'é verdade, você de fato é uma mulher'".

"A mulher não é só o sexo feminino. (...) Depende muito da tua concepção. Se a gente entende essas questões de gênero, então a gente sabe que o gênero é uma construção social. E se é uma construção social, a gente vai ter mulheres com vários corpos"

Débora Brito, ginecologista e especialista em questões sexuais

Aos 30 anos, Bárbara tentou fazer o caminho inverso, procurou voltar a ser homem e até cortou o cabelo. Mas isso só gerou mais transtornos. "Eu não conseguia me sentir bem vendo aquela imagem masculina no espelho, eu não conseguia associar aquela imagem, ao que tinha dentro de mim. Eu nasci para ser uma mulher, que seja biológica, que não seja, sou uma mulher".

Bárbara ainda quer fazer a cirurgia de redesignação sexual. "A genitália que eu trago em mim é um câncer que vai me matando. Tenho toda uma depressão por conta dessa inadequação do meu corpo". Quando fala em sonhos, Bárbara diz: "Eu só sonho em envelhecer com dignidade, sendo aceita e respeitada. Eu sou apenas uma pessoa que nasceu no corpo errado".

COMO MUDAR O NOME E O GÊNERO NO REGISTRO CIVIL?

documento com nome masculino e passava por constrangimentos.

A defensora pública Sandra de Sá conta que nos anos de 2015 e 2016, o Núcleo de Direitos Humanos da Defensoria Pública ajuizou cerca de vinte e cinco ações de mudança de nome no registro de nascimento. “Aquele pessoa não se sente bem com o nome que ela vê ali nos documentos. Ela quer ser identificada socialmente da mesma forma que ela se identifica”, diz a defensora.



“É um direito inerente à personalidade, algo que vem do direito natural. (...) não é obrigatória a cirurgia de mudança de sexo para haver a alteração de mudança de nome e gênero”

Sandra de Sá, defensora pública

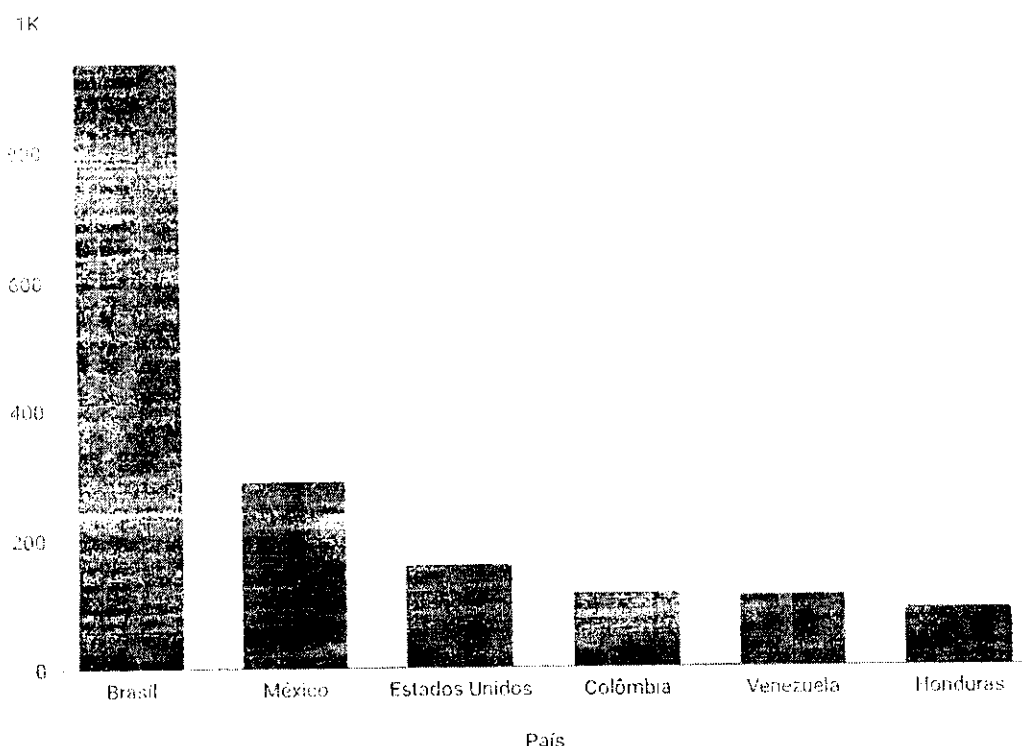
Para dar entrada no pedido de retificação do registro civil, fazendo constar o nome de uso social e o reconhecimento do gênero, é possível procurar a Defensoria Pública, no Núcleo de Direitos Humanos, munido de documentos básicos como RG, CPF e material probatório que mostre que o indivíduo não se identifica com aquele nome e gênero de nascimento. Os materiais probatórios são testemunhas, laudos médicos e documentos que contenham tudo que possa mostrar que a pessoa não se identifica com seu sexo biológico.

Após dada a entrada, o processo vai para o Poder Judiciário onde

Direito à Identidade é um princípio jurídico. "É um direito inerente à personalidade, algo que vem do direito natural. E os tribunais já entendem, em jurisprudência, que não é obrigatória a cirurgia de mudança de sexo para haver a alteração de mudança de nome e gênero".

MARCAS QUE FICAM

O Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo. Entre janeiro de 2008 e dezembro de 2016, o mundo registrou 2.343 casos de mortes destas pessoas, sendo 938 mortes no Brasil, o que representa pouco mais de 40% dos casos, segundo pesquisa da organização não governamental (ONG) Transgender Europe (TGEU). Quando se observa os demais países do mundo se percebe a situação do Brasil ainda mais grave.



O Brasil **mata 3 vezes**

colocado do ranking,
México

O Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil, da Secretaria de Direitos Humanos, apontou o recebimento, pelo Disque 100, de 3.084 denúncias de violações relacionadas à população LGBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), envolvendo 4.851 vítimas, no período de um ano. O documento de 2012 é a fonte mais recente de dados oficiais do governo sobre a violência LGBTT.

SEXUALIDADE E IDENTIDADE



As coisas que eram de menina nunca agradaram Daniel que também não se sentia completo como lésbica FOTO: Nah Jereissati

I magine olhar no espelho e sentir que não importa quanto tempo passe, o que você coloque no seu corpo, as roupas que use, o que você vê nunca é o que gostaria. É assim que o jovem Daniel

O jovem, assim como boa parte dos transgêneros, não tinha conhecimento do que era a transexualidade. Foi com a ajuda de uma ex-namorada que ele foi se descobrindo. "Ela falou pra mim que ia passar uma semana me tratando com pronomes masculinos. Depois dos sete dias, gostei daquilo, vi que era aquilo que eu era".

Como tantos outros, Daniel começou a usar hormônios clandestinamente, já que queria ter o corpo masculino, o que condizia com a sua cabeça, porém tinha medo de ir ao médico e sua família descobrir o conflito que estava vivendo. "Eu tinha receio de contar para os meus pais, não sabia qual ia ser a reação deles, então eu não ia no médico. Estava insatisfeito comigo mesmo e comecei a recorrer ao mercado negro".

Em um dado momento, o jovem não conseguia mais conviver escondendo quem realmente era. Além disso, temia os riscos da automedicação e foi então que acabou contando para a mãe. A resposta dela ele nunca esqueceu: "O que você precisa para perceber que eu vou sempre estar com você?".

Sexualidade e identidade: conheça a história de Daniel

